

O Envelope Narrativo e o Desenvolvimento do *Self*: Um Estudo Longitudinal com Mães e Bebês nos Seis Primeiros Meses de Vida

Deise Maria Leal Fernandes Mendes* & Maria Lucia Seidl-de-Moura

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

RESUMO

Interações mãe-bebê têm dinâmica definida pela cultura e pelo valor atribuído à distância pessoal e autonomia. Mães estabelecem trajetórias de socialização diversas, privilegiando um ou mais componentes do sistema de cuidados. Esse estudo foca o envelope narrativo (componente do sistema de cuidados), envolvendo duas díades mãe-bebê, do nascimento aos seis meses do bebê. Realizaram-se visitas, filmadas, nas residências, e as falas maternas dirigidas aos bebês foram analisadas. Observou-se dupla tendência. O discurso materno era marcado por expressões de afirmação de necessidades e estados mentais atribuídos ao bebê, e pela presença significativa de regras sociais. Essas evidências sinalizam tendência tanto para autonomia quanto para interdependência. Os resultados contribuem para a literatura sobre interações mãe-bebê e desenvolvimento do *self* em contextos distintos.

Palavras-chave: interação mãe-bebê; desenvolvimento do *self*; socialização; autonomia; interdependência.

ABSTRACT

Narrative Envelop and Self Development: A Longitudinal Study With Mothers and Babies in Their First Six Months of Life

Mother-infant interactions have its dynamics defined by culture and by the value attributed to personal distance and autonomy. Mothers are responsible for establishing different socialization trajectories. In this study we focus on one of the parental systems, the narrative envelope of mother-infant interactions of two dyads with babies from birth to six months. Dyads were visited at their homes and video-taped, and mothers' speech directed to the babies was analyzed. We observed a double tendency. Mothers' speech is marked by expressions of statements of needs and mental states attributed to the baby, and by a significant presence of social rules. Evidence can be interpreted as a tendency both toward autonomy and toward interdependency. Those results contribute to the literature about mother-infant interactions and development of the self in specific cultural contexts.

Keywords: mother-infant interactions; development of the self; socialization; autonomy; interdependency.

Cole (1998) entende a natureza humana como “o produto biossocial e cultural de um longo processo evolucionário” (p. 336). Segundo esse autor, os bebês já nascem como seres culturais, buscando interagir e comunicar-se com o *outro*. Mesmo antes do nascimento, os bebês já se acham inseridos em um meio cultural sendo recebidos por outros seres de sua espécie que vivenciam um processo de preparação para acolhê-los. No nicho familiar em que iniciam a vida,

interagem com os pais, portadores de expectativas, crenças e atividades mediadas pelos instrumentos desta cultura, que com a interação seguem se atualizando. A atividade genética e mecanismos neuronais apresentam grande plasticidade e, junto com as influências seletivas exercidas pelo ambiente e pela cultura, participam da formação da mente e do comportamento.

* Endereço para correspondência: Deise Maria Leal Fernandes Mendes – deisefmendes@gmail.com

Com base em uma perspectiva sociocultural e evolucionista (Seidl-de-Moura, 2005), e compartilhando a visão de Cole (1998), nesse estudo são abordados aspectos da fala materna como agente de trocas afetivas e como componente dos sistemas parentais (Keller, 2007). Hipotetiza-se que a organização desses sistemas orienta a trajetória de desenvolvimento do *self*. A atenção para a cultura, nessa abordagem, é aliada a uma orientação de desenvolvimento voltada para as capacidades e necessidades biológicas da criança e suas experiências ao longo do tempo (Keller, 2002). A família constitui o centro da vida em seu início, o nicho de desenvolvimento (Harkness & Super, 1996; Kagitçibasi, 2007), e é vista como foco mediador da relação da criança com o ambiente.

Em função da importância atribuída à aquisição de uma matriz social logo no início da vida, as interações iniciais são consideradas como desempenhando papel fundamental. Também do ponto de vista filogenético, a relação do bebê com seus cuidadores é crucial e adaptativa por favorecer a sua sobrevivência e a manutenção da espécie. Metas de socialização, e crenças e práticas de como se deve cuidar dos filhos são configuradas em sistemas parentais e etnoteorias dos cuidadores (Harkness & Super, 1996). Essas ideias “são expressas em estratégias de comportamento, consistindo de contextos ou cenários de atividades com interações comportamentais e comunicações” (Keller & Otto, 2009, p. 997).

O bebê humano inicia sua trajetória buscando a atenção dos adultos, que por sua vez se comportam e reagem procurando se ajustar às suas demandas (Keller, 2007; Rochat, 2001). Essas ações e expressões exibidas pelo adulto, dotadas de significados, precisam ser apreendidas e aprendidas pelo bebê que passa, com o tempo, a ter expectativas em relação ao *outro* e reagir a seus comportamentos e expressões faciais. Tanto a mãe age sobre a criança por meio da fala e movimentação, quanto ela age sobre sua mãe através de olhares e expressões emocionais, aparecendo desde cedo evidências de que os bebês, sistematicamente, coordenam expressões faciais de emoção com vocalizações e com olhares para a face da mãe (Yale, Messinger, Cobo-Lewis & Delgado, 2003). Os bebês apresentam, ainda, forte tendência ao reconhecimento individual e à formação de vínculos afetivos (Bowlby, 1969/2002), e respondem contingentemente, com sorrisos, aos comportamentos afetivos maternos (Mendes, Seidl-de-Moura & Siqueira, 2009).

Independentemente de aspectos contextuais e mesmo nos contextos de múltiplos cuidados, a mãe parece ser uma parceira privilegiada para a constituição das interações iniciais. Nas mais diversas culturas, são elas as pessoas primárias socialmente significativas durante os meses iniciais da vida (Keller, 2007), e, através das interações mãe-bebê, compõe-se o caminho inicial da inserção da criança na cultura. Os bebês nascem biologicamente preparados para participar de uma matriz social a partir de competências precoces que lhes permitem estar sensíveis e interagir com seus cuidadores. Tais competências, essenciais para sua sobrevivência, se aliam a predisposições comportamentais dos pais para cuidar e interagir com seus bebês e a práticas de cuidado que adotam. Para Keller (2002, 2007), as interações do bebê com seus cuidadores nos primeiros dois anos de vida são organizadas de acordo com a predominância de diferentes sistemas parentais. Esses sistemas são universais e resultam de propensões para o cuidado presentes nos membros da espécie humana.

O modelo de sistemas parentais (*Component Parenting Model*) que Keller (2007) propõe é uma abordagem teórica em que define conceitualmente seis sistemas independentes. De acordo com essa visão, os cuidadores, em diferentes contextos culturais, enfatizam de modo diferenciado tais sistemas, tanto no que concerne a suas práticas com os filhos, quanto em relação a suas crenças ou etnoteorias parentais. Também suas metas de socialização para os filhos estão relacionadas a um modelo cultural, e são referenciadas em suas práticas e no que acreditam ser adequado e desejável para a criação de seus filhos. Os modelos culturais, por sua vez, relacionam-se a concepções culturais de *self* distintas, de forma que em um contexto urbano ocidental, por exemplo, sejam priorizados aspectos ligados a maior autonomia e independência, contrariamente ao que é valorizado em uma cultura oriental e tradicional (Keller, 2007).

No modelo mencionado, são descritos seis sistemas parentais. O *sistema de cuidados*, considerado o mais antigo em termos de filogênese, envolve um conjunto de atividades para atender às necessidades do bebê (banho, alimentação etc.). Sua função é de reduzir estresse, mais do que eliciar estados comportamentais positivos. Afeta o desenvolvimento de segurança e confiança na proteção, como uma dimensão básica do *self* emergente. O segundo sistema é o de *contato corporal* que consiste em favorecer posições

em que o contato corporal é predominante, carregando o bebê junto ao corpo. Sua função é proteger da exposição a perigos como predadores ou fogo. Afeta o desenvolvimento do vínculo entre a mãe e o bebê e coesão grupal. Está relacionado à aceitação de normas e valores da geração anterior e preparação do indivíduo para uma vida baseada em hierarquia e harmonia na família e no grupo social primário. O sistema de *estimulação corporal* também é baseado na comunicação através do corpo e envolve qualquer estimulação motora, sinestésica, tátil e/ou do equilíbrio do bebê. Envolve atividades diádicas exclusivas, e sua função é estimular o desenvolvimento motor e a intensificação da percepção corporal. Influencia a descoberta da autoeficácia corporal em relação a recursos do ambiente e a emergência de um *self* corporal.

A *estimulação por objetos* tem por objetivo apresentar à criança o mundo dos objetos e o ambiente físico em geral. Tem como foco os processos atencionais extradiádicos e está relacionada a atividades exploratórias. O sistema *face-a-face* caracteriza-se, basicamente, pelo contato mútuo através do olhar. É promovido pela mãe quando posiciona o bebê de forma que suas faces estejam próximas e eles mantenham o contato pelo olhar. Além do contato visual mútuo, se distingue pelo uso frequente da linguagem, e pela dedicação exclusiva de tempo em trocas diádicas. Sua função é promover protodiálogos oferecendo ao bebê a experiência de percepção contingente. O desenvolvimento da percepção de individualidade é promovido por esse sistema.

O sexto e último dos sistemas, o *envelope narrativo* consiste em toda a mediação simbólica em que o bebê é envolvido através da fala da mãe. Estórias e narrativas “são a substância do *self* [...] testemunhar a construção de estórias situadas é compreender a construção dinâmica do *self*” (McLean, Pasupathi & Pals, 2008, p. 275).

Para Keller (2002), de acordo com a predominância desses sistemas parentais e de mecanismos interacionais presentes nas interações do bebê com seus cuidadores, a aprendizagem, baseada em programas genéticos abertos, se traduz em experiências que levam a uma concepção modal do *self*. Keller (2007) hipotetiza e investiga duas trajetórias principais no desenvolvimento do *self*, uma ocidental – com maior valorização da autonomia (independência) –, e outra não ocidental (e, principalmente, não urbana) – com

ênfase na interdependência e nas regras sociais (relação) –, que se relacionam, respectivamente, a modos distintos de investimento parental.

As variações entre culturas em termos de cuidados parentais são substanciais, segundo a autora, e há consideráveis diferenças no que diz respeito às oportunidades e ocorrências de interações com os *outros*, principalmente com membros da família. A análise da fala materna em seu conteúdo, através de categorias predefinidas, permite, de acordo com Keller (2007), que sejam identificadas instâncias que se refiram à autonomia e interdependência do bebê, na sua relação com os *outros*. Desse modo, fornece indicações de uma trajetória de desenvolvimento do *self* que segue em uma ou outra direção.

Conceitos como o de *self* podem ser compreendidos, de acordo com Keller (2007) como algo criado e expresso no discurso e na narrativa. Neste sentido, à linguagem é atribuído um papel fundamental no desenvolvimento da criança, no sentido de torná-la apta a construir noções como a de *self* desde o nascimento, e mesmo antes que os pais lhes transmitam explicitamente, pela fala, lições pautadas nos valores da cultura. Desse modo, a linguagem serve como instrumento para a criança ter acesso a noções de *self* culturalmente apropriadas, especialmente através dos estilos de narrativa empregados pela mãe.

Alguns estudos têm demonstrado que o estilo de discurso usado pelos cuidadores quando falam com suas crianças reflete modelos culturais de *self* e da relação do *self* com o *outro* (Keller et al., 2004; Wang, 2004). Pode-se entender, portanto, assim como Keller (2007), que pais e mães transmitem informação relevante e adaptativa para o ambiente particular em que vivem, através dos contextos, físicos e sociais, que eles criam e das trocas interacionais que mantêm com os filhos. As crianças, desde muito cedo, adquirem esta informação e constroem em uma ativa parceria com os cuidadores suas concepções de *self* e de relação.

Análises do discurso extraído de entrevistas realizadas com mães alemãs, americanas (descendentes de europeus) e camaronesas do grupo social Nso (de Camarões, na África) mostraram que o estilo de discurso das mães dos dois primeiros grupos é caracterizado por maior incidência de categorias associadas à autonomia do que o das mães camaronesas, que vivem em um ambiente rural de uma sociedade tradicional (Kärtner et al., 2007). Embora sejam identificados,

recentemente, alguns estudos voltados para análises da linguagem com foco nessas preocupações relacionadas ao desenvolvimento do *self* na cultura, ainda há pouca pesquisa voltada para o discurso dirigido ao bebê ou à criança mais velha, com o sentido do envelope narrativo, que relaciona práticas discursivas de mães com modelos culturais e etnoteorias.

A carência de estudos com esse foco deve ser alvo de atenção já que o modo como a relação entre *self* e cultura, o desenvolvimento do *self*, e a aquisição de um *self* cultural são concebidos parece trazer consequências para a trajetória de desenvolvimento da criança. O envelope narrativo em que a criança é embebida é organizado pela cultura e, portanto, varia através dos contextos culturais e deve conduzir a construções de uma noção de *self* diferente. Investigações que busquem uma maior compreensão desse fenômeno contribuem para a compreensão da dinâmica construção do *self*, em interação com o *outro*, em diferentes contextos.

A capacidade dos cuidadores de adequar sua fala quando dirigida ao bebê parece não apenas refletir um traço social e cultural relacionado às suas crenças e conhecimento que tenham sobre essa etapa do desenvolvimento, mas também fazer parte de uma bagagem de predisposições da espécie. Como argumenta Falk (2004), a fala materna pode ser vista como resultado de pressões seletivas no passado, podendo-se pensar que a seleção da linguagem vocal ocorreu depois que as primeiras mães nos homínidos começaram a se engajar em vocalizações afetivas dirigidas a seus bebês. Os bebês, por outro lado, parecem sensíveis e responsivos a tal estratégia, mostrando que também eles empregam estruturas organizadas de sequências comportamentais durante uma interação (Yale et al., 2003).

Segundo evidências de estudos realizados por Keller e colaboradores (comentados em Keller, 2007), características diferenciadas do discurso ou fala materna dirigida ao bebê se relacionam a modelos culturais parentais distintos, que se associam a trajetórias de desenvolvimento do *self* diversas. Assim, os autores relatam, por exemplo, que as falas de mães chinesas e americanas de origem europeia, durante interações com seus bebês, foram significativamente diferentes em termos das categorias analisadas. As mães americanas de origem europeia usaram mais categorias relacionadas ao conceito de autonomia do que as chi-

nesas. Esse resultado parece corresponder diretamente a estratégias de cuidado adotadas tanto por mães chinesas, voltadas, segundo Keller et al. (2007), para ênfase na obediência, piedade filial e respeito, quanto pelas mães americanas que valorizam a independência, com metas, desejos e necessidades centradas no indivíduo.

Estudos brasileiros sobre metas de socialização e crenças maternas têm evidenciado variações intraculturais, e uma tendência geral à valorização tanto de autonomia como de interdependência nas metas de socialização para seus filhos e nas crenças sobre práticas de cuidado (Seidl-de-Moura et al., 2008a, Vieira et al., 2010). No primeiro destes estudos, variações intraculturais são relatadas em diferentes cidades brasileiras e modelos culturais distintos foram identificados, indicando que não há homogeneidade nas metas de socialização de mães brasileiras. As 50 mães do Rio de Janeiro que participaram, de acordo com os autores, incentivaram independência e autonomia, mas também sinalizaram valorização para interdependência. No segundo, as mães entrevistadas a respeito de suas crenças sobre práticas de cuidado priorizaram, em seus relatos, primeiramente as práticas orientadas por regras do cotidiano aceitas socialmente, associadas na literatura a metas de interdependência, seguidas em prioridade por práticas de estimulação da criança associadas a metas de autonomia.

Análises de interações mãe-bebê (Seidl-de-Moura et al., 2008b), observadas em dois grupos de díades, com bebês de um e de cinco meses, indicaram a prevalência de interações face-a-face quando os bebês têm um mês e de estimulação por objeto quando os bebês têm cinco meses. Esse padrão é visto como indicativo de uma trajetória de socialização enfatizando o desenvolvimento da autonomia, em contraste com uma trajetória em que o contato corporal e a estimulação corporal prevalecem.

Uma outra pesquisa brasileira sobre desenvolvimento inicial do *self*, investigou as capacidades de autorreconhecimento e autorregulação de bebês de 17 a 22 meses e as crenças maternas sobre interdependência (ou relação) e autonomia (Seidl-de-Moura et al., 2012). Os escores no inventário de crenças maternas foram comparados e não foi encontrada diferença significativa, sendo que as mães relataram realizar práticas de cuidado que promovem tanto a independência ou autonomia, quanto a relação com os outros

indivíduos. Nesses estudos, não foi examinado especificamente o envelope narrativo, e o acompanhamento não foi longitudinal.

A partir do exposto, pretende-se, através da realização de um estudo longitudinal, com observações semanais ao longo dos seis primeiros meses de vida dos bebês: (1) analisar o envelope narrativo em duas díades brasileiras, residentes na cidade do Rio de Janeiro, e verificar indicações de trajetórias de socialização, e (2) analisar as características de valor atribuído à autonomia e interdependência no discurso narrativo dessas mães com seus filhos.

MÉTODO

Participantes

Os participantes desta pesquisa foram duas díades mãe-bebê, de famílias de classe média, constituídas de marido e mulher, casados e morando na mesma residência, na cidade do Rio de Janeiro. Os bebês, uma menina e um menino, eram considerados saudáveis, segundo relato pediátrico, e nascidos a termo. Foram observados desde a terceira semana de vida até completarem seis meses, durante 24 e 25 sessões, respectivamente. A idade, ocupação e nível educacional declarados pelas mães foram, respectivamente, 34 anos, do lar, e ensino médio completo, para a mãe da menina, e 40 anos, professora do ensino fundamental, nível superior completo, para a outra mãe.

Aspectos éticos

O estudo foi realizado de acordo com as normas e determinações vigentes nos comitês de ética brasileiros para pesquisas com seres humanos, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (protocolo nº. 026.3.2006). As mães foram informadas sobre os objetivos gerais do estudo e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido e a autorização para uso de imagens de vídeo.

Coleta de dados

As díades mãe-bebê foram visitadas semanalmente em suas residências, com registro das sessões em vídeo, tendo sido solicitado que, sempre que possível, apenas a mãe e o bebê permanecessem no ambiente escolhido por ela para a observação. As mães foram orientadas a manter sua rotina diária e procurar igno-

rar a presença do observador. A cada visita eram realizadas três sessões de filmagem de 10 minutos cada. Em duas delas, a mãe podia deixar o cômodo em que estavam e retornar assim que pudesse (NM), e em outra, a mãe deveria permanecer todo o tempo junto ao bebê (CM). Para fins de análise, uma das duas sessões NM (com 10 minutos de duração) de cada visita foi escolhida aleatoriamente. Os demais segmentos de observação (CM, e segmentos NM aqui não utilizados) atendiam a definições metodológicas de um outro estudo (Mendes et al. 2009).

Categorias

A seguir estão descritas as categorias adotadas, de acordo com os objetivos desse estudo que prevê a análise de discurso da fala materna (estilo de discurso).

ESTILO DE DISCURSO (envelope narrativo) – categorias adaptadas a partir de definições usadas em Keller et al. (2007):

→ Para autonomia

1. *Estados mentais* (agência) – a mãe se refere ao bebê como tendo, desenvolvendo ou iniciando intenções, vontades, cognições, emoções, preferências ou decisões. Ex.: “Quer me lambar, né?”, “Que cara triste.”, “O que você está falando aí?”.
2. *Afirmção de necessidades* – a mãe refere-se a necessidades individuais do bebê ou à sua satisfação. Ex.: “Que dor de barriga filha.”, “Já quer mamar.”.
3. *Agência cruzada* – a mãe utiliza a primeira pessoa do singular, no lugar da terceira, para se referir a intenções, vontades, cognições, emoções, preferências ou decisões atribuídas ao bebê. Ex.: “Eu quero é mamar.”, “Eu gosto é desse, mamãe.”.
4. *Avaliações* – a mãe avalia a situação ou elogia o bebê. Ex.: “Olha que bagunça!”, “meu bebê esper-to...”.
5. *Características pessoais* – a mãe faz referência ao que considera como características psicológicas individuais do bebê. Ex.: “Teimosinho.”, “Tá manhosa...”.
6. *Autorreferência* – a mãe refere-se a si mesma como quem fala ou a suas experiências com seu bebê. Ex.: “Eu gosto é dessa carinha.”, “Eu estou falando com você.”.

→ Para interdependência

1. *Coagência* – a mãe refere-se à criança como agindo junto com alguém (especialmente a própria mãe). Ex.: “Vamos mamar.”, “Vamos lá, tomar banho.”.
2. *Contexto-social* – a mãe fala sobre o contexto social ou outras pessoas. Ex.: “Igual sua vó faz.”, “Isso é coisa de vó.”.
3. *Referência a autoridades/regras sociais* – a mãe refere-se a regras e regulações sociais ou ideias de autoridade. Ex.: “Seu pai não quer você de dedo na boca.”, “Não, sem choro.”.
4. *Tratamento* – a mãe refere-se à criança de forma atenciosa (ex: com expressão convencional) ou funcional (ex: filho). Ex.: “Oi, meu filho.”.

Procedimentos de redução e análise de dados

Os segmentos da filmagem contemplados nessa etapa foram selecionados aleatoriamente, sendo as falas das mães dirigidas aos bebês transcritas e analisadas. Em se tratando de um estudo observacional, longitudinal, envolvendo duas díades mãe-bebê, uma apreciação tanto qualitativa, quanto quantitativa dos dados foi realizada, procurando-se apreender a dinâmica do fenômeno investigado ao longo do tempo, ou seja, neste caso, os seis primeiros meses de vida dos bebês.

Do ponto de vista de uma análise quantitativa, os dados foram analisados segundo as categorias predefinidas. Foi calculada a razão entre a frequência das distintas categorias de discurso da fala materna e o número de emissões proferidas pela mãe, em cada observação, o que possibilita a avaliação de tendências e a identificação de transformações ao longo do período estudado. Assim, foram traçadas curvas no tempo, dessa variável, para as duas díades participantes. As trajetórias dessas curvas foram analisadas através de ajustamento de curva (*curve fitting*) polinomial aos dados. As instâncias relacionadas à autonomia e interdependência na relação com o *outro* foram analisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização de um estudo longitudinal, com observações semanais, permitiu a construção de uma visão de processo que, aliada aos resultados obtidos com a análise quantitativa enriqueceu a discussão das evidências encontradas. Inicialmente, cabe comentar

que durante as visitas realizadas nas residências, as mães pareciam sentir-se razoavelmente à vontade com a presença da pesquisadora, principalmente depois de passadas as primeiras semanas. Na apresentação de resultados que se segue, as díades e mães participantes serão identificadas por díade 1 – mãe 1, e díade 2 – mãe 2.

No que concerne a características gerais das mães e ao estilo próprio de interagir com seu bebê, algumas impressões firmaram-se com o tempo. Ficou evidente que ambas interagiam com os filhos marcadamente através da comunicação oral, conversando com eles em todas as visitas, o que reforçou a importância da investigação do conteúdo de suas falas, ou seja, do aqui se considera como o *envelope narrativo*. Contudo, mantinham maneiras diferenciadas de estabelecer essa comunicação.

A mãe 1 passava boa parte do tempo das observações sem interagir intensamente com o bebê, mas, quando o fazia, apresentava fala e comportamentos afetuosos. Eram comuns as falas em que se referia à filha de modo meigo e muito carinhoso. Era também habitual referir-se a comportamentos e atividades que diziam respeito ao bebê, como sendo realizados conjuntamente pelas duas. Assim, por exemplo, a mãe 1 costumava preparar o ambiente de amamentação dizendo à filha “vamos mamar, vamos mamar”.

Diferentemente, a mãe 2 ficava a maior parte do tempo em que se encontrava junto ao bebê atenta a ele e tentando chamar sua atenção, geralmente falando com ele. Era uma mãe que conversava muito com o bebê, falando sobre ele, seus comportamentos e objetos à sua volta. Através da fala, também costumava brincar com ele, confortá-lo e transmitir afeto.

Um dos temas mais comuns no decorrer das visitas era um móvel preso no berço, e frequentemente usado pela mãe 2 para atrair a atenção do bebê nos momentos em que permanecia ao lado do berço. Ela ligava o móvel, falando com o bebê sobre o quanto ele parecia gostar daquela música e dos peixinhos coloridos que giravam. A reação do bebê parecia sempre positiva, demonstrando interesse e prazer. Através desse *ritual* de comunicação, a mãe 2 muitas vezes referia-se ao que considerava ser preferências e desejos individuais do filho.

Análises quantitativas do conteúdo das falas maternas foram empreendidas de modo a verificar frequências ao longo do tempo para as categorias estabe-

lecionadas, e possíveis indicadores de predomínio da dimensão de autonomia ou de relação. Foram encontradas tanto tendências para uma trajetória de socialização que privilegia a autonomia de seus filhos, quanto para a busca de interdependência. Para a díade 1, houve predomínio das categorias associadas a uma trajetória de socialização mais voltada para um *self* relacional (cerca de 25% das emissões), enquanto cerca de 10% das emissões eram voltadas para a priorização de um *self* autônomo. O inverso foi observado para a díade 2. Nesta díade, 15% das emissões da fala da mãe dirigida ao bebê estavam vinculadas a categorias relacionadas a uma tendência de autonomia, e 8% a categorias associadas à interdependência. As demais emissões não eram passíveis de classificação em alguma das categorias definidas.

Se analisada a relação entre autonomia e interdependência levando em conta apenas as emissões que se enquadraram nas categorias adotadas, vemos que, para a díade 1, 71% das emissões refletiram tendência para interdependência e 29% para autonomia, enquanto na díade 2, os percentuais foram de 35% e 65%, respectivamente. Na díade 1, as categorias de maior prevalência foram as de referência à autoridade (27,2%), coagência (24,5%) e tratamento (19,7%), todas ligadas a interdependência. A de maior incidência, dentre as categorias ligadas à independência foi a de estados mentais e afirmação de necessidades (17,7%). Alguns exemplos de falas dessa mãe para essas categorias são: “Teu pai falou que não quer que você chupe o dedo.” – referência à autoridade; “Vamos mamar? Vamos mamar”, “Vamos tomar o remédio” – coagência e “Que cólica filha”, “Oh minha neném. Vamos mamar.” – tratamento e coagência; “Você tá procurando... Gosta de ficar em pé no meu colinho.” e “Ah, ih, nossa senhora. Você quando põe a boca no mundo ninguém te segura.” – estados mentais e afirmação de necessidades.

Na díade 2, os maiores percentuais obtidos foram para as categorias de estados mentais e afirmação de necessidades (49,7%), e de referência à autoridade (27,6%). As demais obtiveram porcentagens inferiores a oito. Falas como “Tá lendo meu filho? Tá igual ao teu irmão?”, “É, o peixinho. Não, não fica irritado com o peixinho. Peixinho tão bonitinho.” e “Você quer mais. Quer mais.” indicam estados mentais e afirmação de necessidades. Já as falas como “Pera aí, que você já jogou essa calça do seu irmão, no chão. Não pode filho. Que comportamento feio é esse?” e “Não é

pra puxar. É pra brincar. É pra brincar.” indicam referência a regras e regulações sociais ou ideias de autoridade, e, portanto, foram incluídas na categoria de referência à autoridade.

Achados como esses revelam particularidades de cada mãe no que diz respeito às suas crenças e metas de socialização. Embora frutos da cultura mais ampla em que as mães estão imersas, as crenças e metas passam também, necessariamente, pelo crivo das experiências pessoais e da transmissão de valores e conhecimentos vindos do grupo familiar e de outros grupos sociais de que participem mais diretamente. Nesse estudo, tendências que se explicitaram através do conteúdo da fala de cada uma das mães, se revelaram mais fortemente em uma direção do que na outra, mas sem que se possa considerar reduzida a presença da direção não priorizada. Assim, a mãe 1 pareceu considerar de grande relevância transmitir à filha, através da fala, ideias sobre o quanto é importante manter-se ligada ao grupo familiar, respeitando as regras sociais estabelecidas, valorizando qualidades de comportamento apropriado para o grupo, e cumprindo expectativas criadas pela família. Essa preocupação pode ser vista em sentenças como “Ah, não, filha, não chora não.”, “Vamos... tomar banho. Nossa, mas olha o estado...” e “Essa não é hora de você dormir”. Entretanto, ela também apontava características individuais e preferências específicas da menina, como nas falas “Que foguenta.” e “Gosta de ficar em pé no meu colinho.”.

A mãe 2, por outro lado, pareceu priorizar metas para a criação de seu filho que favorecem o desenvolvimento, desde o berço, de um indivíduo que marque bem seus desejos, necessidades e objetivos pessoais, tendo interesses mais centrados nele mesmo do que no grupo. Algumas sentenças extraídas de sua fala sugerem essa tendência, como, por exemplo, “Tá querendo isso aqui? “Você sabe muito bem o que você quer, hein...”. Entretanto, foi também identificada a importância que pareceu atribuir à necessidade do filho manter-se vinculado às pessoas e ao grupo familiar, através de frases como “Vamos fazer massagem no umbigo. Igual sua vó faz.”.

Como se pode observar, nas duas díades, as categorias de maior incidência, dentre as ligadas à tipologia de *self* mais independente, foram as de estados mentais e afirmação de necessidades. Das categorias associadas a uma trajetória de *self* interdependente, houve maior destaque para a de referência à autoridade.

De modo geral, os resultados parecem apontar para uma tendência de socialização de *self* com características mistas, em que as metas dessas cuidadoras ainda que apresentem uma tendência predominantemente, ou para a independência ou relacional, também mostram fortes características da tendência oposta. Essas evidências falam a favor de uma visão de *self*, e do *self com o outro*, que considera a importância de os indivíduos se manterem como pessoas independentes, focadas em seus anseios e metas individuais, e capazes de tomar suas próprias decisões sem que para isso tenham que recorrer sistematicamente a outras pessoas, mas também a expectativa de que se mantenham vinculados ao grupo social e à família, respeitando suas tradições e valores.

Nesse sentido, há uma relação com os resultados de Seidl-de-Moura et al. (2008a, 2012) e Vieira et al. (2010) que indicaram valorização da independência nas mães do Rio de Janeiro, mas apresentando também uma valorização da interdependência. Isto parece indicar que muito embora em alguns outros contextos culturais já investigados (Kärtner et al., 2007; Keller et al. 2007) se encontre valorização em diferentes

medidas de trajetórias diversas, seja tendendo predominantemente para uma maior autonomia, seja para uma maior interdependência, o que se encontrou nas díades desse estudo foi uma tendência à valorização de ambas as tendências. Observou-se valorização da relação e interdependência, envolvendo qualidades de comportamento da criança tais como ser respeitoso e bem educado, de acordo com o papel que lhe cabe na família, mas também a valorização da autonomia, com foco nas características e potencial individual da criança.

Análises de tendência de curva mostraram, para a díade 1, uma tendência à trajetória linear decrescente para as categorias vinculadas à autonomia, o que indica que ao longo dos seis primeiros meses de vida do bebê, houve um decréscimo gradual de falas com esse caráter. Para a díade 2, verificou-se uma tendência quadrática de curva para as categorias ligadas à interdependência, sinalizando uma diminuição, por volta dos dois e três meses de vida, e posterior retomada de crescimento de emissões associadas a essa tipologia de *self* (Figura 1).

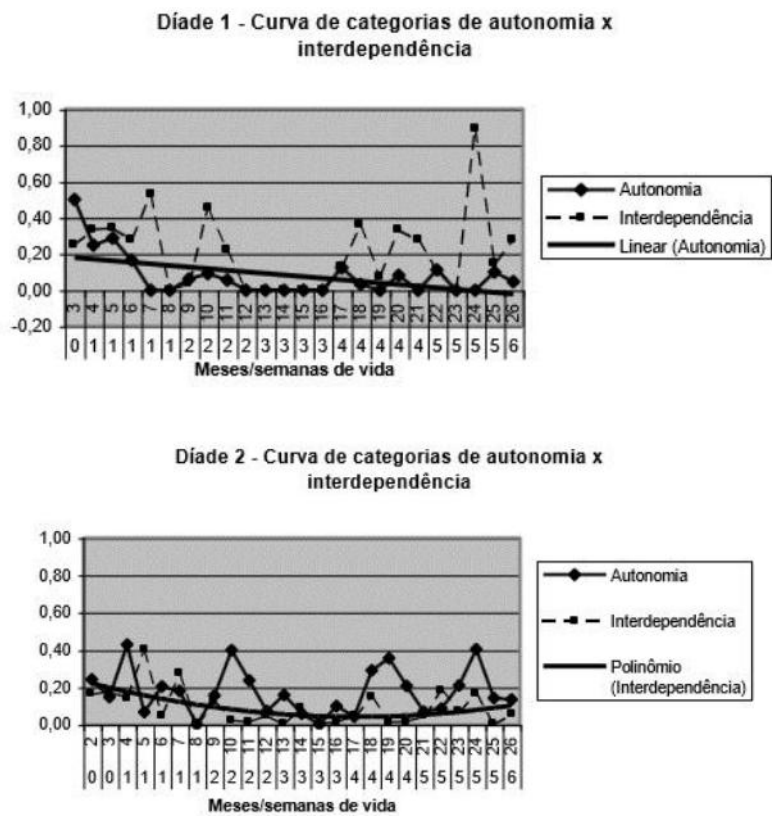


Figura 1. Tendências de curva de frequência do envelope narrativo para as duas díades.

O que de relevante essas tendências de curvas de frequências parecem sinalizar é uma dinâmica de mudanças e transições no decorrer das etapas iniciais do desenvolvimento. Estudos anteriores, brasileiros e internacionais, apontam prioridades nas metas de socialização de mães considerando-se determinado momento do desenvolvimento de seus filhos, mas não trazem indicação do quanto estas prioridades são estáveis ou se sofrem mudanças com o tempo e o crescimento da criança.

Possíveis alterações nas metas de socialização parentais em função de aspectos atribuíveis ao desenvolvimento dos bebês podem ser concebidas. Entretanto, investigações adicionais são consideradas necessárias para que se verifique uma confirmação dessas tendências e se aprofunde as análises na busca de possíveis fatores de influência e compreensão do fenômeno. Estudos que contemplem um número maior de participantes e contextos socioculturais diversificados poderão ser importantes para que se amplie o conjunto de evidências disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou trazer uma contribuição à literatura sobre interações mãe-bebê em trajetórias de socialização distintas e sua ontogênese nos primeiros seis meses de idade do bebê. Apesar de ter como aspecto positivo o acompanhamento longitudinal, pouco frequente em investigações de trajetórias de desenvolvimento, apresenta lacunas por sua própria natureza. Apenas duas díades são observadas, ambas de *status* socioeconômico médio, de uma única cidade brasileira.

As frequências obtidas tanto de autonomia como de interdependência podem sinalizar a valoração que essas mães atribuem às características individuais e ao relacionamento interpessoal no desenvolvimento de crianças. Os resultados encontrados sugerem uma tendência de socialização voltada para o desenvolvimento do *self* com ambas as características, em que as metas dos cuidadores apontam para a autonomia, mas também interdependência. Chama atenção ainda a diferença observada entre as duas díades. Isso indica que, além de variações inter e intraculturais já indicadas em estudos anteriores, as mães têm características próprias, fruto de suas histórias individuais, e as maneiras de valorizar autonomia e/ou interdependência podem ser diversas.

Os resultados confirmaram estudos anteriores realizados com mães e bebês brasileiros, particularmente do Rio de Janeiro (Seidl-de-Moura et al., 2008a, 2008b; Vieira et al., 2010), e parecem indicar que as mães são consistentes, nesse sentido, em seus padrões de envelope narrativo durante os seis primeiros meses de vida de seus bebês. Isto não significa, entretanto, haver estabilidade de padrões, uma vez que mudanças ao longo do período de observação foram identificadas. Novas investigações transversais e longitudinais necessitam ser feitas para ampliar o conhecimento sobre as dimensões de autonomia e interdependência nos nichos de desenvolvimento de crianças brasileiras.

REFERÊNCIAS

- Bowlby, J. (1969/2002). *Apego: A natureza do vínculo* (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Cole, M. (1998). *Cultural psychology: A once and future discipline*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Falk, D. (2004). Prelinguistic evolution in early hominins: Whence motherese? *Behavioral and Brain Sciences*, 27, 491-541.
- Harkness S., & Super, C. M. (1996). Introduction. In S. Harkness & C. M. Super (Eds.), *Parent's cultural belief systems: Their origins, expressions and consequences* (pp. 1-26). New York, NY: Guilford Press.
- Kagitçibasi, C. (2007). *Family, self, and human development across cultures*. London: Lawrence Erlbaum.
- Kärtner, J., Keller, H., Lamm, B., Abels, M., Yovsi, R. D., & Chaudhary, N. (2007). Manifestations of autonomy and relatedness in mothers' accounts of their ethnotheories regarding child care across five cultural communities. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 38, 613-628.
- Keller, H. (2007). *Cultures of infancy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic experiences. In H. Keller, Y. H. Poortinga & A. Shchölmerich (Eds.), *Between culture and biology: Perspectives on ontogenetic development* (pp. 320-340). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Keller, H., & Otto, H. (2009). The cultural socialization of emotion regulation during infancy. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40, 996-1011.
- Keller, H., Abels, M., Borke, J., Lamm, B., Lo, W., Su, Y., & Wang, Y. (2007). Socialization environments of Chinese and Euro-American middle-class babies: Parenting behaviors, verbal discourses and ethnotheories. *International Journal of Behavioral Development*, 31, 210-217.
- Keller, H., Hentschel, E., Yovsi, R. D., Lamm, B., Abels, M., & Haas, V. (2004). The psycho linguistic embodiment of parental ethnotheories: A new avenue to understanding cultural processes in parental reasoning. *Culture & Psychology*, 10, 293-330.
- McLean, K. C., Pasupathi, M., & Pals, J. L. (2008). Selves creating stories creating selves: A process model of self-

- development. *Personality and Social Psychology Review*, *11*, 262-278.
- Mendes, D. M. L. F., Seidl-de-Moura, M. L. & Siqueira, J. O. (2009). The ontogenesis of smiling and its association with mothers' affective behaviors: A longitudinal study. *Infant Behavior & Development*, *32*, 445-453. doi:10.1016/j.infbeh.2009.07.004
- Rochat, P. (2001). *The infant's world*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2005). Bases para uma psicologia do desenvolvimento sociocultural e evolucionista. In F. A. R. Pontes, C. M. C. Magalhães, R. C. S. Brito & W. L. B. Martin (Eds.), *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea* (pp. 15-41). Belém: EDUFPA.
- Seidl-de-Moura, M. L., Bandeira, T. T. A., Marca, R. G. C., Pessôa, L. F., Mendes, D. M. L. F., Vieira, M. L. Kobarg, A. P. R. (2012). Self-recognition and self-regulation: The relationship with socialization trajectories and children's sex. *Spanish Journal of Psychology*, *15*, 604-612.
- Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinini, C. A., Siqueira, J. O., Magalhães, C. M. C., & Rimoli, A. O. (2008a). Brazilian mothers' socialization goals: Intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development*, *32*, 465-472.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. P., Seabra, K. C., Pessôa, L. F., Nogueira, S. E., Mendes, D. M. L. F., Vicente, C. C. (2008b). Interações mãe-bebê de um e cinco meses de díades urbanas: Aspectos afetivos, comportamentos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *21*, 66-73.
- Vieira, M. L., Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E. R., Piccinini, C. A., Martins, G. D. F., Macarini, S. M., & Rimoli, A. O. (2010). Brazilian mothers' beliefs about child-rearing practices. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *41*, 195-211.
- Wang, Q. (2004). The emergence of cultural self-constructs: Autobiographical memory and self-description in European American and Chinese children. *Developmental Psychology*, *40*, 3-15.
- Yale, M. E., Messinger, D. S., Cobo-Lewis, A. B., & Delgado, C. F. (2003). The temporal coordination of early infant communication. *Developmental Psychology*, *39*, 815-824.

Recebido: 01/12/2010
 Última revisão: 10/10/2012
 Aceito: 17/11/2012